

O PRIMO BASÍLIO

OS LIVROS DA FUVEST - II

O PRIMO BASÍLIO
EÇA DE QUEIRÓS

Análise da obra, seleção de textos e questionário

FABIANO FERNANDES GOMES
FERNANDO TEIXEIRA DE ANDRADE

1. O REALISMO E O CONTEXTO PORTUGUÊS

As teorias positivistas do século XIX surgiram em decorrência das solicitações materiais ou ideológicas da Revolução Industrial nos países mais desenvolvidos. Não era o caso de Portugal, que possuía ainda **formas capitalistas primárias, associadas a sobrevivências feudais**. O Realismo vai chegar ao país por importação. Foi mais uma posição intelectual de grupos reformistas minoritários. Contudo, sua influência será bastante importante em setores burgueses mais progressistas.

A ausência de uma base social, similar à da França, condicionará uma atualização do mecanismo positivista. A interferência ideológica da situação portuguesa atenuará a contundência que o Realismo teve na França. As produções literárias portuguesas serão mais tímidas e mesmo os escritores mais radicais mostram em suas obras traços ideológicos do Romantismo, que tanto combatiam.

Os realistas-naturalistas portugueses oscilaram entre duas posições: a dos **republicanos**, adeptos de uma maior intervenção social do governo para promover a democratização do liberalismo; e a dos **socialistas utópicos**, defensores, de acordo com o modelo proudhoniano, da criação de cooperativas operárias, que se contrapusessem à força do grande capital.

A perspectiva que adotaram foi, de qualquer modo, **reformista** e desconhecera a forma de socialismo marxista. Para Karl Marx (1818-1883) os operários deviam rejeitar essas formas de socialismo, que considerava utópicas ou filantrópicas ou, ainda, sentimentais, defendendo a concepção de um socialismo revolucionário para levá-los a dominar o poder político do Estado.

1.1. A Geração de 1870: Da QuestãoCoimbrã aos “Vencidos da Vida”

1.1.1. Antecedentes

Romântico, no começo do século XIX, já não era somente o literato filiado à Escola, mas designava um estado de alma: misto de melancolia, tédio, abandono da vida, busca de inquietações — tudo em comportamento liricamente choroso. A vida econômica, social, moral, religiosa e cultural era romântica.

Em oposição, o século XIX se amadurecia em conquistas científicas: de um lado, crescia a industrialização, trazendo novos hábitos de vida; de outro, firmavam-se a Física, a Química, a Biologia, a Psicologia, providenciando novos conhecimentos e exigindo alterações de base do homem diante da vida.

A literatura, nutrida dessas novas concepções (consequência, sempre, do momento em que se pronuncia), abandona o Romantismo — completamente divorciado da realidade da vida —, e surge o Realismo — preocupado em ser objetivo e exato. Surgiram novas idéias sobre poesia, romance, crítica, filosofia.

Em Coimbra, um grupo de rapazes vivia em pleno tumulto mental. Identificados com a renovação que vinha de França, exasperavam-se diante da indiferença do resto do país.

Em Lisboa, pontificava Castilho. Era o mentor de um grupo de poetas e críticos reunidos no mundo do elogio mútuo. Bem se poderia dizer: Coimbra simbolizava a renovação, a idéia nova, o Realismo; Lisboa, o passado, o pieguismo, o Romantismo.

A primeira desavença entre os dois grupos surgiu quando Castilho, prefaciando o poema "D. Jaime", de Tomás Ribeiro, declarou que *Os Lusíadas* já não tinham mais razão de ser; que nenhum poeta de seu tempo subscreveria uma única oitava de todos os dez cantos. João de Deus se insurgiu contra o "ditador das letras", e achou que a atitude do leviano crítico era a de profanação. Isto foi a primeira clarinada do combate.

1.1.2. A Polêmica

A contra-resposta de Castilho apareceu em sua Carta, que acompanhava, como posfácio, o poema de Pinheiro Chagas — "Poema da Mocidade". Tal poema, ingênuo e ultra-romântico, explora assunto banal e gasto: Artur, enamorado de Ema, é traído por ela; bateu-se em duelo com o rival e se desgrça, a si e à amante... Mas Castilho considerou-o excelso; louvou o poeta, discutiu a política, filosofia, estética e educação. E em tudo, sempre ironicamente, fez referências desairosas aos moços de Coimbra e aos impulsos (modernizadores) da rapaziada.

Antero de Quental foi quem respondeu à Carta de Castilho, no célebre folheto *Bom-Senso e Bom-Gosto*. O moço foi desabrido e irreverente, não respeitando as cãs de seu antigo professor de primeiras letras: "queremos puxar-lhes as orelhas", diz. E mais: isto é uma "desonesta ação"; "a idade, não a fazem os cabelos brancos"; "V. Exa. precisa (...) mais cinqüenta anos de reflexão". E pondo os pingos nos ii:

"O que se ataca na Escola de Coimbra não é uma opinião literária menos provada, uma concepção poética mais atrevida, um estilo ou uma idéia. Mas a guerra faz-se à independência irreverente de escritores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos mestres, mas consultando só o seu trabalho e a sua consciência."

Em pleno ardor da luta entre os dois grupos, duas idéias, duas escolas, a campanha foi reforçada por Teófilo Braga, que escreveu *Teocracias Literárias* — saraivada contra o paternalismo nas letras, defendendo a liberdade de pensamento.

A favor de Castilho militaram Pinheiro Chagas, Camilo Castelo Branco, Júlio de Castilho e Ramalho Ortigão, este com sua *Literatura de Hoje*, em que foi severo à "monstruosidade do talento" de Antero, donde se conclui que

- cerca de quarenta opúsculos circularam durante a contenda;
- os moços de Coimbra, em verdade, não "derrubaram" o Romantismo, mas prepararam o campo ideológico, no qual o Realismo cresceu imponente e fértil;
- Castilho simbolizava o Romantismo em agonia; Antero é profeta dos novos tempos e o Realismo não foi só um "momento" literário, mas o sinal da nova civilização, alicerçado nas conquistas do século XIX.

1.1.3. O Cenáculo

Das discussões no Cenáculo, em que a literatura e a boêmia se confundiam, saíram, de início, obras de pura ficção como algumas das *Prosas Bárbaras*, de Eça de Queirós, e os "satânicos" *Poemas de Macadam*, atribuídos, imaginariamente, a Carlos Fradique Mendes. O advento de Antero vem sistematizar as leituras e os interesses e dar uma finalidade ativa ao grupo. O autor à volta do qual cristaliza a doutrina até então flutuante dos seus componentes é Proudhon, cuja influência na chamada "geração de 70" se intensifica nessa época. Foi nesse círculo que nasceu a iniciativa das Conferências Democráticas do Cassino Lisboense.

1.1.4. As Conferências do Cassino Lisboense

As Conferências do Cassino Lisboense, em 1871, foram consequência da Questão Coimbrã, espécie de aplicação das idéias defendidas, arregimentação prática dos gênios da época.

Os oradores queriam interpretar as novas idéias políticas, econômicas, religiosas e artísticas — enfim, "ligar Portugal com

o movimento moderno, fazendo-o, assim, nutrir-se dos elementos vitais de que vive a humanidade civilizada”, como rezava o programa dos "revolucionários".

Realizaram-se quatro conferências; ao ser anunciada a quinta, o Cassino foi fechado pela polícia.

Dessas conferências ressaltam-se as de Antero de Quental e Eça de Queirós. Antero, além de proferir a conferência inaugural, desenvolveu o tema "Causas da Decadência dos Povos Peninsulares" que, segundo ele, eram três: a reação religiosa, consumada pelo Concílio de Trento; a centralização política, decorrente do absolutismo; e o sistema econômico, que bloqueou o desenvolvimento da pequena burguesia.

Eça de Queirós, sob o título de *A Nova Literatura*, versou sobre o tema "O Realismo como Nova Expressão da Arte". Ele defendia a idéia de que a Arte era condicionada por fatores diversos: uns permanentes (solo, clima, raça), outros acidentais ou históricos (idéias diretrizes de cada sociedade). Propôs a idéia da missão social e moralizadora da literatura; criticou o escapismo romântico e a alienação quanto aos problemas da época; indicou como missão da literatura realista ser a expressão da Revolução; orientou-se na direção do **determinismo** de Hipolite Taine, do **socialismo utópico** de Proudhon e do **realismo** de Gustave Flaubert.

"O Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos olhos, para condenar o que houver de mau na sociedade."

1.1.5. Os Vencidos da Vida

Antero de Quental fez-se socialista; Teófilo Braga, positivista e republicano; Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro e Oliveira Martins, críticos e negativistas: todos esses constituíam o conhecido Grupo dos "Vencidos da Vida", marcado pelo ceticismo risonho e conformista. Embora "vencedores", em termos de reconhecimento social, consideravam-se "vencidos", em termos de ideais. E, em alegres jantares, comemoravam a crise e o desalento ideológico.

2. VIDA

Póvoa do Varzim, 1845 – Paris, 1900

Eça de Queirós era originário da burguesia culta, filho de um magistrado, mas em circunstâncias irregulares, que o levaram desde

nascença a ser afastado dos pais, que se casaram quatro anos após o nascimento do filho.

Estudante de leis em Coimbra, representou no Teatro Acadêmico, e passou como figurante de segundo plano nos movimentos estudantis e Literário chefiado por Antero de Quental e por Teófilo Braga, muito embora, como eles, tenha respirado o novo clima intelectual. Só quase no fim do curso estréia como escritor, em folhetins intitulados *Notas Marginais na Gazeta de Portugal*, que pela sua novidade foram estranhadas até ao riso, porque o nosso público, mesmo seletivo, não estava preparado para as novas formas literárias que o autor, fantasista e familiarizado com a literatura recente, pela primeira vez cultivava em Portugal. Estes folhetins vieram a ser escolhidos e compilados postumamente nas *Prosas Bárbaras*. Chegado a Lisboa, onde ainda abriu banca de advogado, aceita a redação de um jornal, embora, o bissemanário *Distrito de Évora*, mas regressa pouco depois e agrega-se ao *Cenáculo*. Sob o impulso de Antero, dedica-se aqui ao estudo de Proudhon. Uma viagem que fez ao Oriente para assistir à inauguração do canal de Suez encontra-o já numa fase decisiva da sua evolução mental — o que se reflete nas impressões de viagem, recheadas, aliás de sugestões de outros viajantes, que vieram a ser parcialmente publicadas no livro póstumo *O Egito*.

No ano seguinte publica, em folhetins no *Diário de Notícias*, em colaboração com Ramalho, a sua primeira tentativa ficcionista — *O Mistério da Estrada de Sintra*, um precursor em folhetins da novela policial de hoje; lança, também com Ramalho, as *Farpas*, e profere conferência no Cassino Lisboense. A carreira administrativa que escolhera levava-o a Leiria como administrador do conselho, e no ambiente desta cidade situa o entrecho do primeiro romance a que se dedica dentro da orientação definida na conferência, *O Crime do Padre Amaro*, romance que inaugura a prosa realista em Portugal.

Concorrerá, entretanto, à diplomacia e, com a sua colocação em Havana em 1872, afasta-se do meio português, onde só volta a viver curtos períodos. Transferido em 1874 para a Inglaterra, escreve aí *O Primo Basílio*, romance editado em volume em 1878, enquanto apura o texto *d'O crime do Padre Amaro*, primeiramente saído na *Revista Ocidental* (1875), e depois, muito remodelado, planejava um grande empreendimento, uma coleção de novelas com o título de *Cenas Portuguesas*; tinha na gaveta o manuscrito de *A Capital*, de que inutilizou as primeiras folhas impressas, e já em 1880 trazia na forja *Os Maias*. De caminho ia escrevendo obras fantasistas, de menor responsabilidade, como *O Mandarim* (1880) e *A Relíquia* (1884); enviava para jornais portugueses e brasileiros comentários sobre a vida política mundial, por vezes irônicos e extremamente sagazes (*Cartas de Inglaterra*, *Cartas de Londres*).

Com *Os Maias* (afinal só publicados em 1888) pode considerar-se encerrada a fase da obra de Eça de Queirós iniciada com *O Crime do*

Padre Amaro. O autor ligara-se a uma família aristocrática, casando com a irmã de um amigo seu, o conde de Resende. Fixa-se em Paris, para onde é nomeado cônsul em 1889. E sente-se que este observador do mundo, que envia da capital da Civilização para os países de língua portuguesa (Portugal e Brasil) os seus *Bilhetes de Paris*, *Cartas Familiares* e *Ecos de Paris*, encontrou uma residência definitiva e adequada ao seu temperamento e formação, embora nunca se tivesse integrado na sociedade francesa.

Ainda aqui, chega a publicar duas obras, a *Correspondência de Fradique Mendes*, na *Revista de Portugal* (1889-90), e *A Ilustre Casa de Ramires*, na *Revista Moderna* (1897), obras que só postumamente vieram a ser editadas em volume, revistas em parte pelo autor. Mas a sua pena, cada vez mais atarefada, dispersa-se em empreendimentos vários além da colaboração nos jornais portugueses e brasileiros, uma importante revista que funda e dirige, a *Revista de Portugal* (1889-1892), onde colaboram alguns dos seus companheiros de geração e aderentes como Antero de Quental, Oliveira Martins, Alberto Sampaio, Moniz Barreto etc., um *Almanaque Enciclopédico*.

É no meio desta azáfama, com que procura prover a uma família cada vez mais numerosa, que Eça morre na sua residência de Neuilly, Paris. Deixava ainda um espólio literário considerável, que veio a ser publicado aos poucos.

3. OBRA

O Crime do Padre Amaro (cenas da vida devota), 1876.
Segunda edição refundida, 1880.

O Primo Basílio (episódio doméstico), 1878.

O Mandarin, 1880.

A Relíquia, 1887.

Os Maias (episódios da vida romântica), 1888.

Uma Campanha Alegre (colaboração de Eça de Queirós nas Farpas), 1890 e 1891.

A Ilustre Casa de Ramires, 1900.

Correspondência de Fradique Mendes (memórias e notas), 1900.

Reúne a colaboração na *Revista de Portugal*, sob o mesmo tema.

Dicionário de Milagres (escritos diversos), 1900.

A Cidade e as Serras, 1901.

Contos, 1902.

Prosas Bárbaras (colaboração do autor em *A Gazeta de Portugal*), 1903.

Cartas de Inglaterra (colaboração do autor em *Newcastle*, para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, 1905.

Ecos de Paris (artigos publicados na *Revista de Portugal* e na *Gazeta de Notícias*), 1905.

Cartas Familiares e Bilhetes de Paris (1893-1896), 1907.

Notas Contemporâneas (colaboração em vários jornais), 1909.

A Capital, 1925.

O Conde de Abranhos e A Catástrofe, 1925.

Correspondência (seleção de cartas), 1925.

Alves & Cia., 1926.

O Egito (notas de viagem), 1926.

Cartas Inéditas de Fradique Mendes e Mais Páginas Esquecidas, 1929.

Novas Cartas Inéditas de Eça de Queirós, 1940.

Crônicas de Londres, 1944.

Cartas de Lisboa, Correspondência do Reino, 1944.

Cartas de Eça de Queirós, 1945.

A Tragédia da Rua das Flores, 1980.

4. O ESTILO

A Eça de Queirós devem-se a técnica e os paradigmas estilísticos ainda hoje mais correntes em nossa língua literária. É um dos dois ou três grandes artistas que mais modelaram a Língua Portuguesa, modernizando a sua expressão verbal e colocando-a no nível das grandes literaturas européias (Flaubert, Zola etc.). Saraiva e Óscar Lopes, que sintetizamos neste passo, observam que Eça:

- reaproveitou, como Garrett, a linguagem corrente, orientando-se no sentido dos seus ritmos, de sua sintaxe e de seu vocabulário habitual, para torná-la apta a exprimir uma intencionalidade ideológica e estética mais rica;
- afastou-se dos efeitos de estilo aberrantes ou salientes (repetições e inversões oratórias, preciosismos vocabulares, recursos enfáticos etc.) ;
- criou uma prosa clara, inteligente, renovada, sóbria, concisa, cuja análise é sempre um bom exercício pedagógico.
- deu ao adjetivo um caráter mais interpretativo que descritivo, explorando efeitos novos com a adjetivação, com os nexos contraditórios ou inesperados, que implicam um sentido agudamente poético da realidade. (Muitas vezes o adjetivo funciona como forma indireta e irônica de insinuar a posição do narrador relativamente aos fatos relatados.);
- privilegiou o discurso indireto livre, reproduzindo falas de suas personagens na sua própria linguagem;
- deu naturalidade aos diálogos, trazendo à literatura a linguagem da burguesia lisboeta;
- valeu-se da técnica impressionista para retardar a ação em descrições pitorescas ou em "cromatismos rutilantes", usando os verbos no imperfeito ou no gerúndio (aspecto permanensivo);
- criou um novo e autêntico classicismo, pela intencionalidade sóbria e comunicativa de sua prosa.

5. *O PRIMO BASÍLIO* (1878)

5.1. Considerações Gerais

Eça de Queirós foi dos principais responsáveis pela introdução do realismo em Portugal. Suas obras *O Primo Basílio* e *O Crime do Padre Amaro* colaboraram para desbancar o

romantismo de Camilo Castelo Branco ou Júlio Dinis e instalar em Portugal novos padrões de arte e de visão da sociedade e da vida.

O livro é um delicioso quadro da classe média de Lisboa, com inesquecíveis tipos caricatos, como o Conselheiro Acácio e Dona Felicidade, e uma história ao mesmo tempo banal e envolvente. Luísa vive um casamento morno com seu prosaico marido, o engenheiro Jorge, e se intoxica de fantasias românticas hauridas em livros ou sugeridas nas conversas com sua "devassa" amiga Leopoldina. No meio de um verão sufocante, durante o qual Jorge faz uma viagem de trabalho, Luísa recebe a visita de um primo rico, seu ex-namorado, agora vivendo em Paris, cidade idealizada nos sonhos românticos da moça. Uma velha empregada ressentida – Juliana – a tudo assiste cheia de intenções de vingança.

Esses são os ingredientes com que o estilo irresistível de Eça de Queirós compõe a trama do romance. Disso resulta uma crítica demolidora da moral pequeno-burguesa. A aventura "romântica" de Luísa é vista sem nenhum romantismo; ao contrário, é desnudada pelas lentes implacáveis do realismo, que, nessa época, Eça abraçava com fervor, utilizando-o como método de análise para elaborar um amplo e devastador quadro crítico da sociedade portuguesa.

A força de *O Primo Basílio*, contudo, não provém de sua trama (que Machado de Assis, em crítica publicada na época do lançamento do livro, demonstrou ser defeituosa), nem de suas intenções de saneamento social, mas sim do poder com que Eça compõe as situações e do encanto do seu estilo, que se tornou modelo da prosa moderna em português, inclusive da prosa jornalística.

5.2. Resumo da Obra

A ação deste romance passa-se na cidade de Lisboa.

Um casal, constituído por Luísa e por seu marido, o engenheiro Jorge, vive tranqüilamente e com mediana fartura num prédio incaracterístico de qualquer rua da Capital. Frequentam-lhes a casa o Conselheiro Acácio (tipo de homem de falar presumido, sempre solene e sempre ridículo, aparentando imbecilmente ares superiores). Julião (médico), Sebastião (bom homem, grande no coração e no corpo – o Sebastião – amigo de Jorge desde os bancos da escola), o Ernestinho (um pobre literato com manias

de dramaturgo, que submete uma peça à apreciação dos amigos, dando-lhe, por influência das mulheres, um remate todo romântico), a D. Felicidade (senhora já entrada em anos, apaixonada pelo Conselheiro Acácio), Leopoldina (mulher de vida fácil, com quem, às vezes, Luísa desabafava) etc.

Jorge teve de se ausentar para o Alentejo em serviço profissional e por lá iria demorar umas quatro semanas. Logo após a sua partida, Luísa, que ficara sozinha em casa, foi surpreendida pela inesperada visita de Basílio, primo e amigo de infância, recém-chegado de Paris. Seduzida por ele, após uma troca de várias cartas de sabor romântico, a mulher do engenheiro acabou por cair em adultério. Havia na casa uma criada, chamada Juliana, revoltada contra a profissão, cheia de rancor e sedenta de vingança. Numa hora de descuido de Luísa, deitou mão a uma carta trocada entre Basílio e a patroa e ficou senhora do segredo que residia nos dois.

Começou então o calvário de Luísa. A serviçal faz chantagem com a carta, primeiro obrigando a ama a servi-la como se fora ela a dona de casa, depois pondo à venda por uma quantia exorbitante o seu silêncio. Luísa sujeitou-se a todos os vexames; mas dinheiro é que não tinha. Pediu-o a Basílio. Este, por um lado, já enfasiado das relações com a prima, por outro, sem dinheiro para lhe dar, retirou-se às pressas para a França, mal se despedindo. A vida complicada da pobre senhora mais se enredou, pouco depois, com a chegada de Jorge.

O engenheiro não reconhece a mulher: abatida, sem apetite, dominada pelo terror, doente. Não compreende o que se passa.

Entretanto Luísa, vendo que não havia outra saída para a dificuldade, encheu-se de coragem e contou tudo ao bom Sebastião. Este, com a ajuda de um policial amigo, conseguiu arrancar a carta das mãos de Juliana, que sofreu um ataque cardíaco e deixou de viver. Luísa, que fora ao teatro com o marido, teve nessa noite, ao voltar, uma dupla alegria: ver a carta em segurança e a criada morta. Ganhou uma alma nova.

Mas o diabo cobre com uma mão e descobre com a outra. Basílio tinha recebido na França uma carta de Luísa a pedir-lhe dinheiro mais uma vez, à qual no devido tempo não respondera. E para que lhe havia de dar? Para lhe escrever agora, prometendo a quantia pedida (que nenhuma falta fazia já). Quem leu à carta foi Jorge. Muito naturalmente, foi pedir explicações à mulher. Vendo-se descoberta, Luísa adoeceu e não resistiu à

morte. O engenheiro, feito o enterro, abandonou aquela moradia.

Passado algum tempo, Basílio voltou a Lisboa e foi procurar a prima. Viu todas as janelas fechadas. Dizem-lhe que morreu. Com um encolher de ombros, ouviu da boca de um amigo a quem contou o sucedido, que não tivesse pena, que ela afinal, como mulher, até pouco valia. O silêncio animalesco de Basílio exprimiu uma torpe concordância.

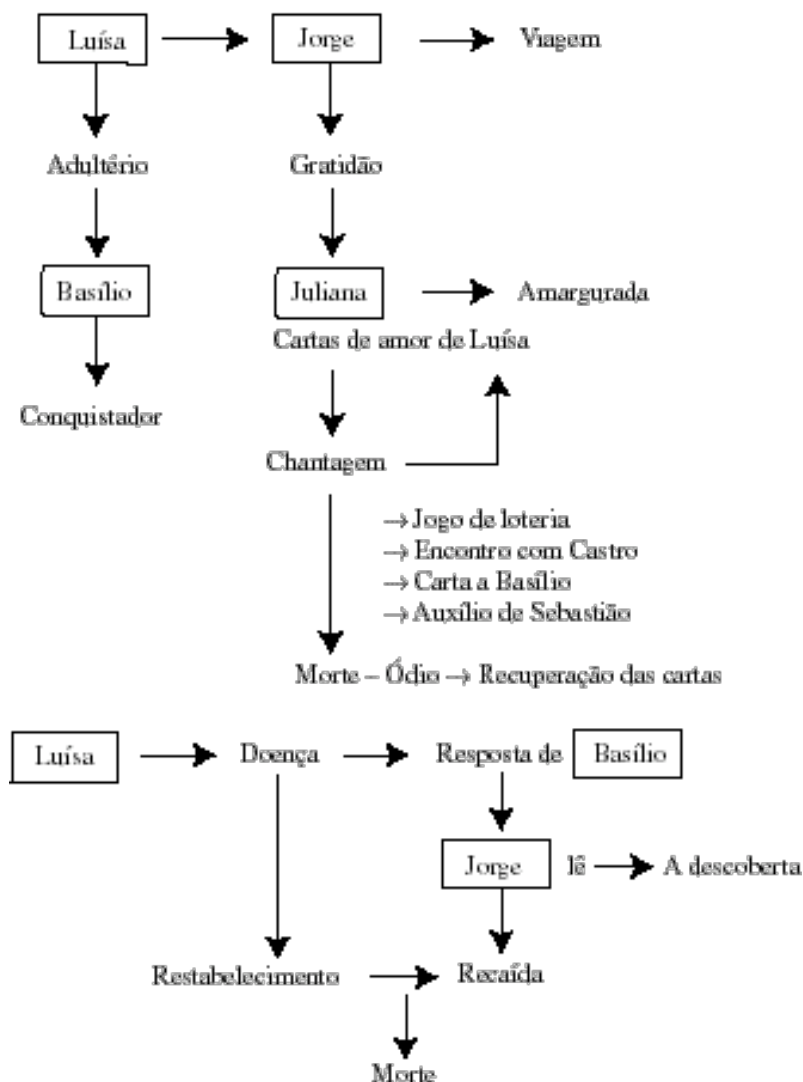
O Primo Basílio é um romance realista bem típico. Nele abundam as descrições dos interiores, como longas pausas a separar os diálogos, criando-lhes um clima adequado. A interação das personagens e dos ambientes é contínua e ajustada.

Alguns figurantes movem-se sem grande autenticidade (Luísa, por exemplo). São bastante mais lineares do que os criados pelo autor em outras obras. Eça apresenta-os todos (menos Basílio) logo no capítulo segundo, ao descrever a cavaqueira dos domingos à noite na casa de Jorge. Faz-lhes o retrato e os conduz, depois, com mão severa até ao fim. Devemos, no entanto, reconhecer que sobre os protagonistas assoma n'*O Primo Basílio* uma vistosa galeria de tipos secundários: — Juliana é tratada muito a sério e o Conselheiro Acácio ficou inconfundível no mundo literário português.

O enredo é tenso e cheio de dramatismo. Luísa, casada há quatro anos e sem filhos, não sabe resistir a Basílio, conquistador profissional ("Oh! está caidinha!" — diz ele ao amigo visconde Reinaldo, após três encontros). É vítima da ociosidade, das leituras românticas. A peça do Ernestinho é um símbolo: retrata toda a literatura que, para comprazer a sentimentalismos, oculta as conseqüências reais do amor criminoso, deixando-o impune e cheio de atrativos.

A reação da criada Juliana, a bisbilhotice da vizinhança, o enjôo de Basílio, tudo é lógico. Há inesperada sorte na morte de Juliana diante de Sebastião e trágico azar na recepção da carta de Basílio pelo engenheiro. Porém, mesmo estes golpes quase românticos Eça sabe prepará-los de antemão, com certa probabilidade lógica. A ação é rápida, pois o tempo é relativamente curto.

5.3. Breve Esquema



QUESTÕES

1. *Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa; em água tédida, perfumada e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelinhas cerradas, embalar-se, ouvindo música! (...)*

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na “voltaire”, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era a Dama das Camélias. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês.

Neste excerto, o narrador de *O Primo Basílio* apresenta duas características da educação da personagem Luísa que serão objeto de crítica ao longo do romance.

- a) Quais são essas características?
b) Explique de que modo elas contribuem para o destino da personagem.

*Escrevi muito nessa noite. Ainda tenho os dois primeiros capítulos dum romance, então começado, com o título: **Abismos do Amor**.*

(BRANCO, Camilo Castelo. *Coração, Cabeça e Estômago*. Ed. Europa-América, s.d., p. 40)

[Ernestinho] *“Tinha traduções, dois originais num ato, uma comédia, em calembures. Ultimamente trazia em ensaios nas Variedades uma obra considerável, um drama em cinco atos, a **Honra e Paixão**. Era a sua estréia séria.”*

(QUEIRÓS, Eça de. *op. cit.*, p. 34)

2. Considerando os conjuntos das obras *Coração, Cabeça e Estômago* e *O Primo Basílio*, é **correto** afirmar que os títulos “Abismos do Amor” e “Honra e Paixão” demonstram
- a) a ausência de aspectos românticos nas obras de Camilo e Eça.
b) o elogio que Camilo e Eça fazem aos melodramas românticos.

- c) a ênfase no Romantismo como forma de crítica ao Arcadismo.
- d) a missão de escritor como gente de mudança da sociedade.
- e) a ironia de Camilo e Eça contra o sentimentalismo romântico.

(UFJF-MG) – Texto para as questões 3 e 4.

Tinha se sentado: o olhar reluzia-lhe febrilmente: e a cada momento limpava com o lenço os cantos da boca.

— Mas que hei de eu fazer, Sebastião? Diga!

Ele comovia-se agora de a ver assim ceder, aconselhar-se; quase lamentava vir, com a gravidade das suas advertências, perturbar a alegria das suas intimidades. Disse:

— Está claro que deve ver seu primo; recebê-lo... Mas enfim, sempre é bom uma certa reserva, com esta vizinhança! Eu se fosse a si contava-lhe... explicava-lhe...

— Mas, por fim, que diz essa gente, Sebastião?

— Repararam. Quem seria? Quem não seria? Que vinha; que estava; o diabo!

(QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*, 7ª ed. São Paulo, Ática, 1982, p. 107.)

- 3. Considerando o diálogo entre Luísa e Sebastião, assinale a alternativa que apresenta um comentário **correto** sobre a obra *O Primo Basílio*.
 - a) O episódio mostra a firmeza de caráter de Luísa, apesar de sua aparente fragilidade.
 - b) As oscilações de sentimento colocam em dúvida o caráter austero de Sebastião.
 - c) A cena revela o confronto entre o desejo pessoal e a vigilância da moral pública.
 - d) A referência a Basílio compõe o quadro harmônico da família burguesa em Lisboa.
 - e) A casa e a rua são os espaços onde Luísa e Basílio vivem seus amores sem restrições.
- 4. Considerando o mesmo diálogo entre Luísa e Sebastião (questão anterior), assinale a alternativa **correta** em relação ao Realismo português.

- a) A atitude de Luísa confirma os modelos de comportamento da família burguesa.
- b) Eça opôs o coloquialismo da vida cotidiana às heranças clássicas do Arcadismo.
- c) O senso crítico dos realistas evitou a abordagem de questões morais na sociedade.
- d) A atitude de Sebastião contraria o padrão de comportamento da família burguesa.
- e) Os realistas substituíram os personagens burgueses pelos pobres nas narrativas.

(FUVEST) – Texto para as questões 5 e 6.

A carruagem parou ao pé de uma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás de uma portinha, ao lado, sentia-se o ranger de um berço, o chorar doloroso de uma criança.

(Eça de Queirós, *O Primo Basílio*)

- 5. Observando-se os recursos de estilo presentes na composição desse trecho, é **correto** afirmar que
 - a) o acúmulo de pormenores induz a uma percepção impessoal e neutra do real.
 - b) a descrição assume caráter impressionista, dando também dimensão subjetiva à percepção do espaço.
 - c) as descrições veiculam as impressões do narrador, e o monólogo interior, as da personagem.
 - d) a carência de adjetivos confere caráter objetivo e real à representação do espaço.
 - e) o predomínio da descrição confere caráter expressionista ao relato, eliminando seus resíduos subjetivos.
- 6. O segmento do texto em que a preposição *de* estabelece uma relação de causa é:
 - a) “ao pé de uma casa amarelada”.
 - b) “escada, de degraus gastos”.
 - c) “gradeadozinho de arame”.

d) “parda do pó acumulado”.

e) “luz suja do saguão”.

7. Personagem do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, tornou-se tão conhecida por suas intervenções, que seu nome deu origem a palavras dele derivadas como: acaciano, acacianismo, acacianamente.

Assinalar a alternativa que explica o significado atribuído a estas palavras em função do Conselheiro Acácio.

a) Inesperadas declarações ou informações que dão novo rumo à conversa.

b) Afirmações irrefutáveis ou solidamente argumentadas.

c) Ironias profundas ou sutis ridicularizações imprevisíveis.

d) Trivialidades com feição sentenciosa ou gravemente ridículas.

e) Argumentação cerrada ou raciocínios cerebrinamente elaborados.

8. *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, apresenta, por meio de suas personagens, um retrato da sociedade portuguesa do século XIX.

A alternativa em que há equivalência entre o fragmento transcrito e o perfil traçado da personagem na obra e indicado em **negrito** é

a) *“O primeiro a chegar era Julião Zuzarte, um parente muito afastado de Jorge e seu antigo condiscípulo nos primeiros anos da Politécnica. Era um homem seco e nervoso, com lunetas azuis, os cabelos compridos caídos sobre a gola. Tinha o curso de cirurgião da Escola”*.

Representação do profissional bem-sucedido devido ao estudo e à inteligência.

b) *“Às nove horas, ordinariamente, entrava D. Felicidade de Noronha. Vinha logo da porta com os braços estendidos, o seu bom sorriso dilatado. Tinha cinquenta anos, era muito nutrida, e, como sofria de dispepsia e de gases, àquela hora não se podia espertilhar e as suas formas transbordavam”*.

Apresentação de uma mulher madura, que vivencia um amor proibido, e que, por isso, o sublima.

- c) “(...) o *Conselheiro Acácio* nunca vinha aos chás de *D. Luísa*, como ele dizia, sem ter ido na véspera ao *Ministério das Obras Públicas* procurar *Jorge*, declarar-lhe com gravidade, curvando um pouco a sua alta estatura:
— *Jorge*, meu amigo, amanhã lá irei pedir a sua boa esposa a minha chávena de chá.”

Personagem evidenciado pelo discurso pomposo, pela vaidade e pelo convencionalismo.

- d) “*Devia estar mudado, o primo Basílio. Lembrava-se bem dele – alto, delgado, um ar fidalgo, o pequenino bigode preto levantado, o olhar atrevido, e um jeito de meter as mãos nos bolsos das calças fazendo tilintar o dinheiro e as chaves!*”

Representação da fidelidade ao primeiro amor, daí surgindo a busca do reencontro com Luísa, primeira e única amada.

- e) “*Juliana* entrou, com o vestido de seda novo, movendo-se cuidadosamente:
— *Quer alguma coisa, minha senhora?*
— *O Sr. Jorge volta amanhã... — disse Luísa. E suspendeu-se; o coração batia-lhe fortemente.*
— *Ah! — fez Juliana. — Bem, minha senhora. E ia a sair.*
— *Juliana! — fez Luísa, com a voz alterada. A outra voltou-se, surpreendida. E Luísa batendo com as mãos, num movimento suplicante:*
— *Mas você ao menos nestes primeiros dias... Eu hei de arranjar, esteja certa!...*
Juliana acudiu logo:

— *Oh minha senhora! Eu não quero dar desgostos a ninguém. O que eu quero é um bocadinho de pão para a velhice. Da minha boca não há de vir mal a ninguém. O que peço à senhora é que se for da sua vontade e me quiser ir ajudando...*

— *Lá isso, sim... O que você quiser...*”

Caracterização de uma criada humilde, que encontra sentido para a vida no ato de servir.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. São Paulo: FTD, 1994, pp. 22, 37, 39, 271-2. (Coleção grandes leituras)

9. (FUVEST-SP) – Ao criticar *O Primo Basílio*, Machado de Assis afirmou: “(...) a Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere que uma pessoa moral”.

Títere é um boneco mecânico, acionado por cordéis controlados por um manipulador. Nesse sentido, as personagens que, principalmente, manipulam Luísa, determinando-lhe o modo de agir, são

- a) Basílio e Juliana.
 - b) Jorge e Justina.
 - c) Jorge, Conselheiro Acácio e Juliana.
 - d) Basílio, Leopoldina e Conselheiro Acácio.
 - e) Jorge e Leopoldina.
10. (FUVEST-SP) – De acordo com os ditames do Realismo, Eça de Queirós deu às personagens de *O Primo Basílio* uma feição intencionalmente típica. Cada personagem do romance “tipifica um conjunto de condições ou uma instituição” (Lopes e Saraiva). Desse modo, as personagens 1) Ernestinho, 2) Juliana, 3) D. Felicidade e 4) Julião representam, respectivamente:

- a) 1) a literatura;
2) o ressentimento social;
3) a beatice e
4) o tédio à profissão.
- b) 1) o formalismo oficial;
2) a beatice;

- 3) o tédio à profissão e
 - 4) o ressentimento social.
- c) 1) a literatura;
2) o tédio à profissão;
3) a beatice e
4) o convencionalismo.
- d) 1) o convencionalismo;
2) o ressentimento social;
3) a literatura e
4) o tédio à profissão.

RESPOSTAS

1. a) As duas características da educação de Luísa que são objeto de crítica no romance de Eça de Queirós e que estão presentes no texto transcrito são a ociosidade viciosa, sensualista e até voluptuosa e a fantasia romântica. A primeira é sugerida pelo desejo da personagem de furtar-se a todas as obrigações e “estar numa banheira de mármore cor-de-rosa; em água tépida, perfumada e adormecer!” A segunda é indicada pelo livro que Luísa vai buscar: *Dama das Camélias*, célebre drama romântico de Alexandre Dumas Filho. Os “muitos romances” que a personagem lia são, na visão do romancista, um dos elementos que a intoxicavam moralmente e a indispunham para uma existência adequada à sua condição.
- b) A ociosidade hedonista de Luísa, associada às fantasias que provêm da ficção romântica de que ela se nutre, são responsáveis, em grande medida, por sua relação adúltera com Basílio. Ociosa, disponível deseja de prazeres e de sensações idealizados, alimentada por fantasias amorosas inteiramente irrealistas, ela se torna presa fácil do finório e mal-intencionado primo. Também no caso das cartas furtadas por Juliana, é o romantismo de Luísa que pode ser dado como responsável por seu comportamento pouco prudente, pois ela amorosamente guardava, presas com uma fita colorida, as cartas do amante, que melhor seria ter destruído.
2. E
3. C

4. A

5. B

O examinador valeu-se da expressão “*caráter impressionista*” sem o rigor terminológico que se espera em uma prova dessa envergadura. O impressionismo é um estilo artístico marcado por traços específicos e inconfundíveis: o esbatimento das imagens e a diluição da nitidez que, no tecido verbal, evidenciam-se pelo predomínio do aspecto permansivo, pela utilização intensiva do imperfeito do indicativo e do gerúndio, além da presença de imagens sinestésicas etc. Tal como redigida, a alternativa indica que a banca parece perfilhar a noção imprecisa de que tudo o que traduza “impressões” seja necessariamente “impressionista.” A alternativa consignada pode ser aceita, com a ressalva apontada, e o candidato chegaria a ela por exclusão das demais, que laboram em erros grosseiros, aderindo ao entendimento de que expressões como “cheiro mole e salobro”, “coava a luz suja” e “chorar doloroso” sejam, por si mesmas, caracterizadoras do indigitado “caráter impressionista”.

6. D

A preposição *de* introduz expressão que indica o motivo, o fator determinante de estar *parda* a *janela* da casa amarelada.

7. D

8. C

9. A

Condicionada pela educação romântica e sentimental, pelo casamento burguês e pela sociedade lisboeta, a ser um ornamento doméstico, Luísa é incapaz de agir pela determinação de sua própria vontade. Age ou reage dentro das convenções sociais ou manipulada pelos outros, especialmente pelo amante oportunista e pela empregada chantagista. Basílio impõe-se à prima, explorando a vulnerabilidade gerada pelo ócio e pela deformação romântica e sentimental de seu caráter, modelado pelas fantasias extraídas de suas leituras folhetinescas. Juliana, segura da incapacidade de Luísa para agir, mesmo em sua defesa, intimida a patroa e inibe qualquer reação mais afirmativa.

10. A

As atribuições constantes da alternativa *a* correspondem aos elementos dominantes na caracterização de cada uma das personagens em questão. Ernestinho encarna o literato

vaidoso, superficial e convencional; Juliana é dominada pelo ressentimento nascido de sua situação de oprimida e explorada; D. Felicidade é a beata bonachona e ingênua; Julião é o médico enfadado, cuja atitude contestadora se extingue, quando alcança um emprego público confortável. Note-se, contudo, que a alternativa *d* se aproxima bastante de ser correta, pois Ernestinho é um literato inteiramente *convencional*; Juliana também se *enfada com o seu trabalho* e Julião também exprime, em seu discurso contestador, aquilo que se poderia chamar *ressentimento social*. Não obstante, a alternativa *a* é a correta, pois tem como fundamento as características *dominantes* de cada personagem.